

As metamorfoses sociais no Norte Pioneiro do Paraná: um estudo sobre os sentidos e significados dos (ex)trabalhadores do corte de cana¹

The Pioneer Northern Paraná social metamorphoses: a study a meaning and senses of cane court workers

Luciano Ferreira Rodrigues Filho²; Ilton Garcia da Costa³

Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo analisar as dimensões subjetivas e os sentidos do trabalho para os trabalhadores do corte de cana frente o fim de sua atividade no Norte Pioneiro do Paraná. Pautando-se na Psicologia Sócio-Histórica, essa pesquisa visa compreender a dimensão subjetiva do trabalhador do corte de cana e, assim, compreender o sujeito dentro de um contexto sócio-histórico que se modifica. Com isto, foi possível identificar o fim da atividade do corte de cana ocorrido pela mecanização dos canaviais, mas também, pelo atual contexto socioeconômico do país que favorece a migração dos trabalhadores para outras atividades, no entanto, a migração de atividade não significa o fim do trabalho precário que o trabalhador canavieiro enfrenta. O trabalhador rural e sua condição de vida legitimada pela ideologia capitalista, não encontram melhorias quanto ao trabalho, tendo eles que se submeterem a outras atividades que oferecem riscos de vida e malefícios a sua saúde, com isto, o fim de uma atividade penosa, não garante melhorias à vida do trabalhador, da mesma forma que melhorias na condição do trabalho também não são garantias de maior dignidade no trabalho, estas, muitas vezes, são mecanismo de camuflar e manipular a expropriação do trabalhador.

Palavras-Chave: Psicologia social. Dimensão subjetiva da realidade. Cortador de cana. Trabalho. Atividade.

Abstract

This research aims to analyze the subjective dimensions and meanings of work for cane cutting workers facing the end of his activity in the Pioneer North of Paraná. Basing on the Socio-Historical Psychology, this research aims to understand the subjective dimension of cane cutting workers and thus understand the subject within a social and historical context that changes. Therefore, it was possible to identify the order of the court activity cane occurred by mechanization of sugarcane plantations, but also by the current socio-economic context of the country which favors the migration of workers to other activities,

¹ Este artigo é resultado de pesquisa de dissertação com o título “O trabalhador do corte de cana no Norte Pioneiro do Paraná: o fim da atividade e os sentidos do trabalho”, defendido no Programa de Psicologia Social, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. A pesquisa foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

² Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP, membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa Trabalho e Ação Social – NUTAS. Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Constituição, Educação, Relações de Trabalho e Organizações Sociais – GPCERTOS, do curso de Direito da Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP. Docente da Faculdade de Educação, Administração e Tecnologia de Ibaiti – FEATI. E-mail: lu_fr@yahoo.com.br

³ Doutor em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP. Pós-Doutorado em Direito pela Universidade de Coimbra – Portugal. Docente da Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP. E-mail: iltongarcia@gmail.com

however, the migration activity does not mean the end precarious work the sugarcane worker faces. The rural workers and their living conditions legitimized by capitalist ideology, there are improvements on the job, taking them to undergo other activities that pose a risk to life and harms their health, with it, the end of a painful activity, not ensures improvements to the worker's life, just as improvements in working conditions also are not guarantees of greater dignity at work, they often are camouflage mechanism and handle the expropriation of the worker.

Key-words: Social psychology. Subjective dimension of reality. Cane cutter. Work. Activity.

Introdução

Essa pesquisa foi realizada com cortadores de cana na região do Norte Pioneiro do Paraná, com o objetivo de examinar as dimensões subjetivas da realidade do corte de cana no Norte Pioneiro do Paraná, perante o fim da atividade ocorrido pela mecanização dos canaviais, seja pelos interesses econômicos ou em decorrência da Resolução SEMA nº 076, de 20 de dezembro de 2010 que dispõe sobre a “eliminação gradativa da despalha da cana-de-açúcar através da queima controlada” (PARANÁ, 2010).

Nesse cenário é que se percebeu a necessidade de ampliar o olhar sobre a condição desses trabalhadores, através de conversas, análises de dados estatísticos, compreensão das singularidades desses trabalhadores, conhecimento dos números e cifras envolvidos com a atividade. Buscou-se construir as dimensões subjetivas que perpassam o cotidiano dos trabalhadores. Esta necessidade tem como escopo entender as distintas formas ideológicas de captura subjetiva desses trabalhadores como mecanismo de manipulação e multiplicação de sujeitos submetidos aos interesses do monopólio da cana-de-açúcar.

Para a análise dos dados foi necessário à apropriação de uma teoria que abrangesse a subjetividade como resultado de uma relação dialética com o contexto vivenciado pelo cortador de cana, desta forma, a Psicologia Sócio-Histórica foi a corrente teórica que auxiliou na apreensão do fenômeno abordado neste artigo, visto que, para a Psicologia Sócio-Histórica, a relação dialética entre o sujeito e o mundo é que se constitui a subjetividade.

As conversas foram feitas com trabalhadores rurais do corte de cana, com aposentados do corte, agenciadores, com os dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jacarezinho e com funcionários de uma usina de açúcar e etanol da cidade de Jacarezinho-PR, porém, a pesquisa não se concentrou apenas nos dados obtidos pelas conversas, mas em muitas outras conversas do cotidiano com trabalhadores rurais, pessoas ligadas às atividades, diretores das usinas, diversas outras pessoas que, de alguma forma, contribuíram para traçar as “picadas” deste artigo.

A pesquisa foi cansativa, muitas visitas, agendamentos, encontros mal sucedidos, procura por trabalhadores, esperas, conseguir desvendar os dados numéricos, estatísticos, informações jornalísticas, ocorreram várias aventuras, meio ao cenário urbano, meio as plantações de cana, conforme Spink (2008, p. 73):

Não estamos no campo porque fomos para um lugar distante, porque fomos visitar um centro comunitário, passar o dia num posto de saúde ou ficamos na fila para receber senha no serviço de intermediação de empregos. Estamos no campo porque estamos no campo-tema como matriz de questionamento e argumento, de ação e narração (Garfinkel, 1967). Tanto faz se estamos trabalhando com um financiamento científico, trabalhando com organizações advokatórias ou em projetos de pesquisa-ação, escrevendo, conversando, olhando anotações, participando de comissões assessoras, dando palestras ou tomando uma cerveja numa sexta-feira à noite e arguindo com amigos; estamos no campo-tema buscando contribuir para o bem coletivo, assumindo a nossa parte numa comunidade moral mais ampla.

O campo-tema foi amplo, uma cidade, porque não uma região imersa na cultura da cana de açúcar, com suas histórias de vidas quase sempre com alguma ligação com a cana de açúcar: um amigo, um parente, um vizinho, um desconhecido, ou o próprio sujeito, todos tem alguma história com a cana de açúcar. Essa pesquisa não trata de abordar sobre um acontecimento, mas de uma história regional e de seu povo sofrido e batalhador, que vê no trabalho rural uma fonte de sobrevivência.

Aportes Teóricos da Psicologia Sócio-Histórica

Essa pesquisa enfatiza a constituição subjetiva através da relação dialética do sujeito com o mundo pela atividade, por ela, o ser se apropria e transforma as coisas, do mesmo modo, as coisas possuem apropriações do próprio sujeito, por isso, a atividade é categoria fundamental para a compreensão do sujeito no mundo (AGUIAR, 2011) e, é por ela que o sujeito toma consciência sobre o mundo em que vive. Segundo Martín-Baró (1996, p. 14),

A consciência não é simplesmente o âmbito privado do saber e sentir subjetivo dos indivíduos, mas, sobretudo, aquele âmbito onde cada pessoa encontra o impacto refletido de seu ser e de seu fazer na sociedade, onde assume e elabora um saber sobre si mesmo e sobre a realidade que lhe permite ser alguém, ter uma identidade pessoal e social.

Nessa perspectiva, a tomada de consciência se dá nesta relação dialética entre o sujeito e o universal pelo exercício da atividade (trabalho), permeados por particularidades (mediações), no caso do trabalhador rural, sua consciência está atrelada as suas atividades, não, somente, o cortar a cana, mas na condição de sujeito de objetivação. Para Aguiar (2011, p. 98) “a consciência deve ser vista como um sistema integrado, numa processualidade permanente, determinada pelas condições sociais e históricas, que num processo de conversão

se transformam em produções simbólicas, em construções singulares”. A tomada de consciência é o que difere o homem do animal como afirma Vigotski (1991b), o animal possui ação, ele tem a atividade em seu cotidiano como necessidade de sobrevivência, entretanto sua atividade é instintiva; o animal caça porque sente fome, ele corre, morde, cerca, tem planejamento em grupo como na matilha, o animal até utiliza de instrumentos, o chimpanzé usa paus para alcançar frutos, usa pedras para quebrá-los, usa pedaços de capim para buscar no fundo do buraco uma formiga etc. são instrumentos sofisticados, entretanto não possuem significados.

O sujeito consciente realiza suas atividades tendo como princípio os conteúdos históricos adquiridos - mediados - em sua relação com o universal, é, portanto, resultado de uma relação dialética do sujeito com o social, como diz Aguiar (2011, p. 96) “objetivando sua subjetividade e subjetivando sua objetividade”, construindo seus registros psicológicos.

Na verdade, o homem transforma a natureza e a si mesmo na atividade, e é fundamental que se entenda que este processo de produção cultural, social e pessoal tem como elemento constitutivo os significados. Dessa maneira, a atividade humana é sempre significada: o homem, no agir humano, realiza uma atividade externa e uma interna, e ambas as situações (divisão esta somente para fins didáticos) operam com os significados. Nessa perspectiva, Vigotski (2001) lembra que o que internalizamos não é o gesto como materialidade do movimento, mas a sua significação, a qual tem o poder de transformar o natural em cultural (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 304).

Ora, como estamos vendo, Vigotski apresenta estudos complexos sobre a conceitualização da consciência, ademais, ele abordou a gênese da consciência para o gênero humano, mesmo porque o sujeito não nasce com uma consciência; ela é construída na relação dialética com o mundo. Assim, como princípio, em seus estudos com os bebês e

crianças, percebe-se que a tomada de consciência se dá pela conceitualização das coisas, entretanto deve-se ter alicerce básico na dialética, o bebê não nasce como uma “tabula rasa” onde serão acrescentados conceitos conforme seu desenvolvimento cognitivo, pensando dialeticamente, antes mesmo da concepção do bebê, já existe um arcabouço de significados que irá mediar à relação com o bebê: definição de um nome, um sexo, uma nacionalidade, uma religião, possuindo seu quatinho azul ou rosa, seu carrinho ou sua bonequinha, tudo já pensado e estabelecido sem mesmo ser consultado sobre seus gostos. Deste modo, o bebê nasce mergulhado em um arsenal de valores culturais, nos quais o “desenvolvimento transforma-se, do biológico no sócio-histórico” (VIGOTSKI, 1998, p. 54).

O desenvolvimento da criança efetuado pelo salto biológico para o sociocultural, só é possível por um caminho, pela apropriação da linguagem, seu uso como mediador entre o sujeito e o mundo de significados, a linguagem passa a ser um instrumento que irá modificar a própria consciência (VIGOTSKI, 1991a), visto assim, as razões para a linguagem modificar a consciência é de suma importância para o método da psicologia sócio-histórica. Conforme Aguiar et al. (2009, p. 56):

Se quisermos aprender o humano e seu processo de constituição, temos de compreender esse processo de relação do humano com o mundo fundamentado nas atividades transformadoras e mediado pela linguagem. O processo é, como afirma Vigotski, de “colossal revolução”, representada pela reorganização do pensamento que se dá pelo desenvolvimento da linguagem.

Sendo a linguagem um determinante para a subjetividade, do mesmo modo, um mediador para a gênese da consciência, ela só será um instrumento de potência caso haja uma reciprocidade na comunicação do Eu para o Outro ou do Eu para as coisas, para isto, faz-se necessário um determinante em comum na linguagem utilizada entre as partes, este algo em comum pode ser entendido pela

conceitualização e significação das coisas do mundo, por isso que Uznadze (1996 apud VIGOTSKI, 1993, p. 124) diz a “palabra es un instrumento para la comprensión mutua”. Para Vigotski a noção dos conceitos é o eixo para a investigação, é ele o mediador social.

“El concepto se toma en relación con una determinada tarea o necesidad que surge en el pensamiento, en relación con la comprensión o la comunicación, en relación con la ejecución de alguna tarea, o instrucción, cuya realización resulta imposible sin la formación del concepto” (VIGOTSKI, 1993, p. 121).

Contudo, o conceito é aprendido com o desenvolvimento da linguagem, consequentemente, com o desenvolvimento cultural da criança. Pensando neste desenvolvimento do bebê, o seu balbuciar emite sons sem nenhum sentido, tampouco algum nexos. O balbuciar é espontâneo, assim como o chuchar durante a mama, entretanto existe um fator externo que “coloca” as palavras na boca do bebê, pode ser a mãe que com o som do bebê, sons simples e espontâneos (má, bá, pá etc.) a mãe faz uma interpretação do sentido da palavra e, assim, o bebê irá se apropriando das palavras e seus significados por via dos comportamentos condicionados associados aos balbucios com a fala do outro - o “ma” vira “mãe”, o “pa” vira pai -, porém, “aprender palabras y asociarlas con objetos no conduce por sí solo a la formación de conceptos” (VIGOTSKI, 1993, p. 123).

O salto no desenvolvimento da linguagem para o bebê se dá a partir do momento em que a palavra ganha um significado, mesmo porque a “mera relación asociativa entre las palabras y los objetos es insuficiente para que surja el significado, que el sentido de la palabra o del concepto no es igual a la relación asociativa entre el complejo sonoro y una serie de objetos (VIGOTSKY, 1993, p. 126). O surgimento de um significado, ou conceito, só é possível com o fim da associação da palavra com algum objeto, para Vigotski (1993, p. 126),

[...] el origen del concepto y subrayando el hecho de que el concepto sólo puede aparecer y formarse cuando surge una necesidad concreta a la cual responde ese concepto, en el curso de alguna actividad dirigida a alcanzar un fin determinado de sentido, orientado hacia un objetivo determinado o a la resolución de una tarea concreta.

Assim, para o surgimento do significado, a palavra deve surgir no pensamento como uma forma objetiva de se cumprir alguma atividade, uma razão para se utilizar a palavra, com isto, a linguagem se torna instrumento para expressar os significados das coisas. Com a apropriação dos conceitos, o sujeito pode utilizar o significado apreendido das coisas para objetivar os seus fins teleológicos, ele torna o abstrato em objeto, segundo Lukács (2013, p. 55) com “natureza e trabalho, meio e fim chegam, desse modo, a algo que é em si homogêneo: o processo de trabalho e, ao final, o produto do trabalho”.

Contudo, o produto do trabalho, possui características da consciência humana, ora, sendo ele resultado de toda aplicação teleológica do sujeito: com o seu conhecimento sobre as coisas, as próprias necessidades, os meios que contribuíram para a construção, as ferramentas, no produto do trabalho todos estes continentes de razões e meios para o pôr teleológico são refletidos no resultado do trabalho, no objeto. Um exemplo pertinente está no uso de pedras afiadas como objeto de corte dos homens primitivos, para isto, quais foram às condições para se chegar a tal objeto, nenhuma ferramenta, nenhum instrumento de precisão, tampouco *lasers* de corte específico, o homem primitivo só tinha a natureza e nela aprendeu que algumas pedras são mais duras que outras, são mais afiadas que outras, com este domínio pôde chocar pedra com pedra e conseguir lascas afiadas. Neste simples objeto estava todo o histórico do sujeito, com aparatos básicos e simples determinam as condições precárias da época, entretanto, um salto na consciência humana para o uso do conhecimento cotidiano em prol de construções modernas para aqueles sujeitos. Em

uma citação de Lukács (2013, p. 58) ele esclarece esta passagem:

[...] a ferramenta, é a chave mais importante para conhecer aquelas etapas do desenvolvimento da humanidade a respeito das quais não temos nenhum outro documento. No entanto, atrás desse problema cognitivo há, como sempre, um problema ontológico. A partir das ferramentas que as escavações descobrem, muitas vezes documentos quase únicos de um período completamente desaparecido, podemos obter, a respeito da vida concreta das pessoas que os utilizaram, conhecimentos muito maiores do que os que parecem esconder-se nelas. O fato é que uma ferramenta pode, com uma análise correta, não só revelar a história da própria ferramenta, mas também desvendar muitas informações sobre o modo de viver, quem sabe até sobre a visão de mundo etc., daqueles que as usaram.

A história está contida nos objetos, no material, não apenas no palpável, mas também nos conteúdos invisíveis, como o caso das palavras, assim, a palavra, a linguagem é instrumento da consciência humana, a linguagem e os objetos construídos estão no mesmo nível para o sujeito, ambos são resultados do pôr teleológico do sujeito, da mesma consciência. Para Vigotski (1993, p. 129):

El concepto se toma no en su forma estática y aislada, sino en los procesos vivos del pensamiento, de resolución de la tarea, de modo que toda la investigación se descompone en una serie de etapas aisladas, y cada una de ellas incluye en concepto en acción, en tal o cual aplicación funcional suya en los procesos del pensamiento. Primero tiene lugar el proceso de elaboración del concepto, seguidamente el de traslado del concepto elaborado a nuevos objetos, luego la utilización del concepto en el proceso de libre asociación y finalmente el empleo de los conceptos en la formación de los juicios y la determinación de los nuevos conceptos elaborados.

Portanto, a consciência nunca é o princípio básico, ela é decorrente do movimento dialético do sujeito com o universo, ela transforma e é transformada, Lukács (2013, p. 63) diz que “na medida em que a realização torna-se um princípio transformador e reformador da natureza, a consciência que impulsionou e orientou tal processo não pode ser mais, do ponto de vista ontológico, um epifenômeno”, contudo, a relação dialética decorrente do ser com o seu meio está designada pelos significados estabelecidos historicamente pelos membros sociais e sua relação com o meio, estes significados é que constituem a cultura social, na qual será posta ao sujeito como modo de vida a ser seguido (leis, ordens, direitos, estatutos, línguas etc.), será por via deste universo cultural o sujeito irá se confrontar. Pensando assim, cabe levantar a questão sobre a cultura capitalista na consciência humana, como disse Lukács (2003) sobre a “falsa consciência” decorrente da situação do sujeito na sociedade capitalista, reproduzindo uma ideologia que torna a subjetividade propensa ao desenvolvimento deste sistema.

Metodologia da Pesquisa

Sabe-se que, para a Psicologia Sócio-Histórica, a linguagem é ferramenta essencial para a formação da consciência (FURTADO, 2011), desta forma, esta pesquisa não pode deixar de ouvir o cortador de cana e outros agentes envolvidos com o corte de cana para se ter conhecimento sobre a dimensão subjetiva do trabalhador desse seguimento.

Nessa pesquisa, diretamente, foram utilizadas quatro narrativas de cortadores de cana e de um agenciador, conhecido como “gato”, responsável por formar as turmas de cortadores de cana, um destes trabalhadores é aposentado, achou-se interessante para a pesquisa conhecer o cotidiano de um cortador de cana logo no início de funcionamento das usinas no Norte Pioneiro do Paraná e, com isto, compreender algumas transformações históricas da atividade. Indiretamente, durante a prática no setor

de Recursos Humanos foram ouvidos centenas de trabalhadores que, de alguma forma, contribuíram para esta dissertação, alguns desses relatos estarão expostas como Diário de Campo colhidas por entrevistas de desligamentos ou conversas.

Também foi realizada uma visita ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jacarezinho-PR para conhecer as medidas envolvendo a atividade do corte de cana, focando no fim da atividade relacionada à proibição da queima dos canaviais, porém não se baseou em uma visita, mas em duas entrevistas com os membros do sindicato. A primeira conversa, com questões semi-abertas, foi realizada com o presidente do sindicato, no entanto, não foi satisfatória, uma que o entrevistado estava com inúmeros “escudos” contra qualquer ação de má fé do entrevistador, segundo, pela falta de conhecimento legislativo sobre o trabalho do corte de cana, com isto, decidiu-se realizar uma conversa com o advogado do sindicato, esta rendeu bons conteúdos de análise. Os entrevistados conheciam o objetivo das entrevistas assinando um Termo de Consentimento com aprovação do comitê de ética da Plataforma Brasil.

As conversas foram realizadas com questões semiabertas, abordando algumas temáticas que direcionavam para o fenômeno da pesquisa, porém, não se rompia a conversa quando se extraviava do assunto, como diz González-Rey (2011, p. 207):

“A narrativa não é uma expressão de linguagem comprometida somente com o contexto relacional, ela é uma expressão dos sujeitos que as constroem, na mesma medida em que é uma expressão dos interlocutores desse sujeito dentro do espaço social em que a narrativa aparece”.

Trabalhando como psicólogo no setor de Recursos Humanos em uma usina da região foi possível ter um contato direto com os trabalhadores, desde a contratação, integração, até o desligamento. Para compor o fenômeno estudado, foram observados as entrevista de desligamento, apenas como instrumento de secundário, com elas foi possível

conhecer o problema enfrentado pelos cortadores de cana frente à mecanização, fazendo com que o trabalhador procure por atividades com maior estabilidade e garantia de trabalho, no entanto, não menos precárias. No período de 04 de fevereiro de 2012 a 17 de junho de 2013, foram realizadas 93 entrevistas de desligamentos, sendo que o número de desligados fora superior ao número apresentado. Das entrevistas, 48 foram demitidos e 45 solicitaram demissão, perguntado se já possuíam outro emprego, 45 trabalhadores disseram já possuírem outro emprego ou iriam trabalhar por conta própria (estes 45 que responderam já possuírem outro emprego não, necessariamente, são os mesmos 45 que solicitaram demissão).

Conforme as entrevistas, e a hipótese de procura por estabilidade ou por garantia de trabalho pode ser constatado pelas novas atividades, das 45 entrevistas os maiores lócus migratório estão na construção civil (10), trabalho rural (laranja, café, corte de cana) (10), auxiliar de produção (5) e caseiro de propriedade rural (3). Portanto, não se pode afirmar que existe uma melhora na condição de trabalho ou na condição de vida do trabalhador rural. A precariedade do trabalho continua em outras atividades, na construção civil sem nenhuma segurança a vida do trabalhador, no trabalho rural se mantêm os riscos a saúde, o mesmo para o auxiliar de produção e para o caseiro de propriedade rural, que se confundem com trabalho rural.

Consciência Canavieira: o Fim da Atividade

Para o trabalhador rural, o fenômeno do fim da atividade está vinculado à hipótese da mecanização dos canaviais, desde o plantio até a colheita, porém, se procurarmos uma resposta por via dos sindicatos ou da organização, a hipótese do fim da atividade, consequentemente, da mecanização está sendo ocorrida pela falta de gente para trabalhar, estes migrando para outras atividades ou, como visto na entrevista com o sindicato, pela falta de vontade dos jovens, estes, filhos de cortadores de cana que

deveriam conservar o trabalho precário. Contrário a estas afirmações, temos as falas dos trabalhadores que culpam a mecanização pelo êxodo do canavial, assim, são obrigados a procurar novas oportunidades e quando encontram não desejam retornar para o campo na situação de precariedade.

Ora, temos dois embates, e esta é a luta de classes. Proponho analisar o fenômeno em sua totalidade, um movimento que parte do singular para a totalidade e retorna para o singular, compreendendo a dimensão subjetiva do cortador de cana.

No entanto, a pesquisa não envolveu um público de outras regiões do país, apenas do Norte Pioneiro do Paraná, assim descobre-se que a região possui características históricas e sociais próprias, não podendo generalizar o contexto vivenciado pelos trabalhadores daqui com outros Estados, isto porque, cada Estado possui suas legislações designadas para a cultura da cana-de-açúcar. Deste modo, vai se constituindo uma subjetividade de um trabalhador regional e, com as conversas, foi possível conhecer as histórias, as artimanhas, o cotidiano dos trabalhadores rurais que carrega o estigma dos “boias-frias”, porém, a regionalização não rejeita um fenômeno que vem ocorrendo no Brasil, à migração de atividade.

Nas conversas, pôde ser percebido o quanto as emoções fazem parte da construção de uma consciência, como diz Sawaia (1987, p. 266) “o homem se afirma no mundo objetivo, não só no ato do pensar, mas com todos os sentidos, até com os sentidos mentais (vontade, amor e emoção)”, assim, as narrativas traziam muito mais que conteúdos para a pesquisa, traziam também histórias carregadas de aventuras e sofrimentos, as expressões como marcas da condição precária da labuta: cicatrizes, rugas, marcas de sol, peles ressecadas, mãos calejadas etc. eram formas visíveis e invisíveis para descrever a consciência canavieira. Entende-se também que, na narrativa, ou melhor, na conversa, mesmo tendo algumas perguntas direcionadas para o tema, o conteúdo da resposta não necessariamente trata

desse tema, ora, concebemos que existem conteúdos latentes do sujeito, conteúdos próprios que lhe causa a angústia, isto foi visível, por exemplo, nas conversas com o seu Zé e o João, que estavam indignados com a atuação do sindicato e com os programas de benefícios do governo.

E se não tivesse esse negócio de máquina, o senhor conseguiria contratar 10 turmas?

Não, não consegue, porque pro pessoal sair do lugar que tá fichado é difícil, e outra coisa que acabou com o povão é o negócio de bolsa, tanta coisa que o governo manda pra esse povo que, sabe como é que é? (Não quer trabalhar)

Bolsas benefícios?

Mando essas coisas pro povo, pra por a máquina no lugar, é pra enganar o povo, tá entendendo? Dá “deissão” pra você fica parado e põe outro no lugar, maioria do povo que tá parado vive deste negócio aí. Se sabe disto né? Ou não sabe? (Zé, 20 jan 2014)

Deste modo, o artigo foi construído com enfoque nos mediadores do corte de cana: vida dos trabalhadores, questões econômicas do etanol e cana de açúcar, o sindicato dos trabalhadores rurais, as resoluções, leis e normas sobre o trabalhador rural, utilizando as conversas, porém não se trata de uma análise do discurso, mas um enlace entre a objetividade com o tema latente dos entrevistados, assim foi possível compreender o fim da atividade para o trabalhador e entender os principais determinantes que fazem a relação dialética com sua subjetividade. Não se trata de afirmar que é o melhor método, mas entende-se que foi o método que melhor esclareceu sobre o mundo do corte de cana.

Com as entrevistas com os cortadores de cana e de um agenciador, conhecido como “gato”, responsável por formar as turmas de cortadores de cana, um destes trabalhadores é aposentado, achou-se interessante para a pesquisa conhecer o cotidiano de um cortador de cana logo no início de funcionamento

das usinas no Norte Pioneiro do Paraná e, com isto, compreender algumas transformações históricas da atividade. Indiretamente, durante a prática no setor de Recursos Humanos foram ouvidos centenas de trabalhadores que, de alguma forma, contribuíram para esta pesquisa, alguns desses relatos estarão expostas como Diário de Campo colhidas por entrevistas de desligamentos ou conversas.

No anseio de compreender a totalidade do fenômeno, não poderia deixar de escutar um diretor de uma usina de produção de açúcar e etanol, localizada na cidade de Jacarezinho-PR, no Norte Pioneiro do Paraná, esta usina fora escolhida, primeiro, pela facilidade do pesquisador ainda atuando dentro do Recursos Humanos e, segundo, por ter uma história de pioneirismo na cultura canavieira dentro da região pesquisada. Esta entrevista foi mais focada do que a dos trabalhadores, pois nessa conversa não se pretendia conhecer a subjetividade de um diretor de usina, mas sim de conhecer o modo de agir e os processos administrativos, financeiros e agrícolas envolvendo o trabalho do cortador de cana. Os conteúdos das conversas não estão diretamente expostos no artigo, pois, entende-se que foi mais uma conversa sobre os procedimentos, que alguma entrevista com conteúdo de análise.

Por fim, foi realizada uma visita ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jacarezinho-PR para conhecer as medidas envolvendo a atividade do corte de cana, focando no fim da atividade relacionada à proibição da queima dos canaviais, porém não se baseou em uma visita, mas em duas entrevistas com os membros do sindicato. A primeira conversa, com questões semi-abertas, foi realizada com o presidente do sindicato, no entanto, não foi satisfatória, uma que o entrevistado estava com inúmeros “escudos” contra qualquer ação de má fé do entrevistador, segundo, pela falta de conhecimento legislativo sobre o trabalho do corte de cana, com isto, decidiu-se realizar uma conversa com o advogado do sindicato, esta rendeu bons conteúdos de análise. Os entrevistados conheciam o objetivo das entrevistas assinando um Termo de

Consentimento com aprovação do comitê de ética da Plataforma Brasil. Assim, estavam livres para utilizar seus nomes originais ou fictícios.

A narração é entendida como dois processos relacionados, não podendo ser divididos e compreendidos isoladamente, este é o erro cometido pelas investigações primitivas descritas Vigotski (1998), complementando, o autor diz que “nenhum dos quais tomados em separado possuiria as propriedades do todo” (VIGOTSKI, 1998, p. 119), portanto, o método utilizado por Vigotski trata de,

“[...] uma nova abordagem do problema e substituímos a análise em elementos pela análise em unidades, cada uma das quais retém, sob uma forma simples, todas as propriedades do todo. Encontramos esta unidade do pensamento verbal no significado da palavra” (VIGOTSKI, 1998, p. 119).

Porém, Vigotski realça prudência nesse método, pois ele “não é uma verdadeira análise que nos seja útil para resolver problemas concretos, antes conduz à generalização” (VIGOTSKI, 1998, p. 119), e isto não nos interessa nesta pesquisa, já que, buscamos resolver os problemas concretos, fugindo das possibilidades pseudoconcretas do significado da palavra quando analisada isoladamente, por isso, a análise não foca somente na narrativa, mas faz uma apuração das falas buscando interrogá-las com o contexto sócio-histórico da objetividade. Analisar apenas as palavras, ou realizar um recorte sobre as falas, estaria correndo o risco de limitar o sentido da expressão, de balizar a concreticidade do pensamento sobre o tema apresentado pelas questões semiabertas.

O discurso não fora analisado isoladamente, como já foi dito, ele foi interpretado conforme o contexto sócio-histórico de cada narrativa, buscando relacioná-las com os significados de sua época, sendo a expressão (narrativas) como produto dialético do sujeito com o universal, este universal deve ser compreendido com o seu contexto ideológico.

Além das narrativas, entende-se que a totalidade do fenômeno, os mediadores e determinantes são de muita relevância para o objetivo desta pesquisa, mesmo porque, foram por eles que tornaram possível compreender os mecanismos ideológicos que se relacionam dialeticamente com o sujeito.

Método é aqui entendido, para além de sua função instrumental, como algo que nos permite penetrar no real, objetivando não só compreender a relação sujeito/objeto, mas a própria constituição do sujeito, produzindo um conhecimento que se aproxime do concreto, síntese de múltiplas determinações (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 300).

Entende-se que um determinante essencial do fenômeno é o valor econômico dos produtos da cana-de-açúcar: etanol e açúcar. Os produtos, em questão, são para a economia brasileira uns dos principais produtos ofertados pelo país, representando elementos essenciais para a aquisição de renda financeira, oferta de trabalho, mercado de máquinas e implementos agrícolas, químicos etc. Para compreender como funciona este determinante, foi necessário recorrer aos antecedentes históricos do como foi a implementação industrial para a produção de álcool e açúcar no Brasil, bem como dos mediadores legislativos que direcionavam as organizações no que condiz a própria produção, bem como na Consolidação das Leis Trabalhistas.

O Fenômeno Concreto

A dimensão subjetiva sobre a realidade do cortador de cana está carregada de significados sobre os mediadores que envolvem o trabalhador rural, desde um discurso inicial sobre o efeito da mecanização na vida destes trabalhadores até o real invólucro do fenômeno do fim da atividade. Perante tal quadro, a questão discutida e respondida por Jessé de Souza (2012) sobre a ebulição de uma nova classe média ou uma nova classe trabalhadora, nos parece eixo central para a classe de trabalhadores do

corte de cana. O discurso de que a vida melhorou (e de fato melhorou) é apresentada na conversa pelo Zé Carlos e dona Iara: comprou uma moto, televisão, casa, geladeira etc.

“E com a cana o que vocês conseguiram?”

“Ah bastante coisa, saímos de bastante dívida, agora nós paramos e volto de novo, porque só eu trabalho, a mulher não trabalha. Paramos em junho na cana, faz 7 meses” (Zé Carlos, 20 jan 2014).

O discurso pode apresentar uma ascensão financeira que não foi vista tempos atrás com o sr. Antonio, este só deixou aos seus filhos a possibilidade de estudo, portanto, se não estivessemos atentos ao discurso decairia sobre uma ascensão de classe: antes baixa, agora classe média, ou neste meio. Entretanto diz Souza (2012, p. 25):

Essa classe social é sempre esquecida como classe com gênese e destino comum, e só é percebida no debate público como um conjunto de “indivíduos” carentes ou perigosos, tratados fragmentariamente por temas de discussão superficiais, dado que nunca chegam sequer a nomear o problema real, tal como violência, segurança pública, problema da escola pública, carência da saúde pública, combate à fome etc.

Assim é esta classe, como se estivesse num estado invisível, como aponta o autor (SOUZA, 2009), mas que, pelo contrário, são bem vistos aos olhos dos grandes capitalistas, porém esquecidos pelas políticas públicas, diz Souza (2009, p. 9):

[...] essa nova classe média compõe-se de milhões de pessoas que lutam para abrir ou para manter pequenos empreendimentos ou para avançar dentro de empresas constituídas, que estudam à noite, que se filiam a novas igrejas e a novas associações, e que empunham uma cultura de autoajuda e de iniciativa. Quase desconhecida das elites do poder, do dinheiro, e da cultura, já estão no comando do imaginário popular. Representam o horizonte que a maioria de nosso povo quer seguir.

Contudo, não se trata de uma nova classe média. O trabalhador rural não ascende socialmente, ele ainda é desvalorizado e mantém-se em um trabalho penoso, mesmo mudando de atividade, como o caso da colheita de laranja que, no caso do Zé Carlos, também trabalha com dobras (domingo a domingo), ou de outros casos que mudam de atividade para ocupações sem garantias, sem registros, e com graves riscos à saúde e a vida como no caso da construção civil.

Mesmo dentro da organização, os trabalhadores rurais do corte de cana almejam ser tratoristas, motoristas, líder de turma, para isto são disciplinados, com poucas faltas, nenhuma advertência e alta produção (SCOPINHO, 1996), porém, só isto não basta, nem lhe é garantido, realizam cursos ofertados pelo Senar de tratoristas (para poucos trabalhadores), esperam dirigir uma colheitadeira ou um caminhão; se apegam aos programas motivacionais e econômicos da empresa, entretanto não percebem a violência simbólica por traz deste cotidiano capitalista organizado pelos dirigentes organizacionais.

Estes trabalhadores, como o caso do Zé Carlos, dona Iara, seu Zé e o João, não têm hora para o trabalho: acordam cedo, preparam a marmita, andam quilômetros de ônibus, trabalham exaustivamente no corte da cana ou na colheita de laranja e, quando retornam para casa tem que limpar a casa e fazer mais alguns “bicos”, como levantar uma parede de construção, fazer uma laje, ser mototaxista etc., domingo a domingo, caso tenha as dobras ou nos “bicos”. Em todos os casos há união, normalmente marido e esposa compartilham do mesmo eito de cana, conforme as entrevistas, em muitas turmas existem familiares, vizinhos, todos compartilham do mesmo sentimento: de mudar de vida, melhorias na condição dos filhos, um futuro aos filhos, contudo, as pequenas conquistas são acompanhadas de penosos dias de trabalho e problemas de saúde.

A procura por oportunidades de trabalho que irão garantir melhores condições de vida não está

justificada por este ou aquele trabalho somente pelo salário e benefícios adquiridos, mas também pelas condições de trabalho, como o quanto a nova atividade é cansativa, descansos, bem para a saúde, entre outros. Neste sentido, o trabalhador rural procura melhorias para a vida, em um mundo onde se afirma que o sucesso só é possível pelo esforço, em uma ideologia de que todos têm a mesma chance na vida, o cortador de cana possui a mesma chance que o diretor da usina, cabe ele saber aproveitar, estudar, aperfeiçoar; cai-se no discurso da funcionária do RH (diário de campo):

“Trabalhador Rural: _Querida trabalhar como vocês, dentro da sala com ar-condicionado”.

“Funcionária do RH: _É fácil, só estudar pra conseguir chegar aqui no meu lugar”. (Diário de Campo, set. 2012. Contratação da turma do Polaco).

O sentido de sucesso, de crescer na vida para estes trabalhadores está enraizado na ideologia capitalista, de um trabalhador polivalente decorrente da liofilização organizacional (ANTUNES, 1999). Um trabalhador como o cortador de cana que está sempre pronto para o corte de cana, vestido em sua armadura, suas luvas, seu facão, seu óculos de proteção, ele trabalha o dia todo, com sol ou chuva, se preciso de domingo a domingo, mas só isto não basta, ele retorna para casa e faz seus “bicos”, arruma a casa etc. Ele batalha dia a dia por uma vida digna e melhor, e está consciente disso, de que só assim conseguirá sobreviver ou conseguir alguma coisa; está impregnado em sua mente como o preto do carvão está impregnado na sua pele.

Nessa pesquisa pode-se ver o trabalhador rural como um batalhador, uma subjetividade das coisas como elas são apresentadas pela ideologia do capital, como se só assim pudesse ser a saída da miséria, batalhando, rezando e agradecendo pelo pouco que tem. Sua subjetividade tem noção de que se trata de um indivíduo e não de um coletivo, porém, é um pensamento coletivo, permeia a classe de trabalhadores rurais, a ideologia é reproduzida dentro deste grupo de trabalho. Neste sentido se

compreende as competições entre trabalhadores, quem corta maior tonelada de cana, quem tem poucas advertências, o salário maior, são ideias reproduzidas que colocam o trabalhador como figura “heroica” dentro dos canaviais, no entanto, são mediadores manipulados pela organização que afetam a saúde do trabalhador.

Contudo, esta consciência de que tem que trabalhar exaustivamente no dia a dia é reproduzida, passada de geração para geração como de fosse um dogma, ou um karma na vida do sujeito, por isso, obriga os filhos a estudarem para buscar uma vida mais abastada, porém seus filhos cumprem o que falam, mas da mesma forma do batalhador: acordam cedo, vão para um trabalho um pouco melhor que o do pai, mesmo porque ele já possui o ensino fundamental ou médio, retornam para casa, comem alguma coisa rápida e voltam a labutar na sala de aula, algum estudo técnico, algum curso do EJA, alguma faculdade a distância, ou presencial desde que seja ajudado com Prouni, ou qualquer outro tipo de bolsa (o autor se identifica com a situação). Porém, às vezes, as coisas não saem como o desejado; o curso tem que ser encerrado, ou não existe a mesma oportunidade que o pessoal da classe alta, ele sempre fica em desvantagem e ainda é ludibriado com capacitações, cursos desqualificados, graduações sem garantia etc. O que o curso de informática do sindicato rural de Jacarezinho irá garantir ao jovem? Uma ação do sindicato como se estivesse fazendo a sua parte, assim, pode “lavar suas mãos”.

Além da certeza de um trabalhador sozinho e invisível às políticas públicas e aos grandes empresários, outra certeza trata de que o fim da atividade do corte de cana, isto não interfere no fim da exploração do trabalhador. A reprodução é cíclica, seja ela em outras atividades, seja como trabalhador rural em outras atividades, como na colheita de laranja, do café, ou de outras lavouras, o capital sempre encontra brechas para sua atuação, como disse o advogado do sindicato: sempre precisaremos do trabalhador rural em outros setores.

A consciência de submissão às condições apresentadas ao trabalhador rural, seja ela por falta de conhecimento político, seja pelo resultado da reprodução, caracterizam a violência simbólica escondida nesse pensamento e escamoteada pelas pseudoconcretidades inventadas pelo sistema capitalista e seus representantes. Portanto, desmascarar o mecanismo de funcionamento é desmontar uma estrutura de consciência sobre as formas de relação do sujeito com o mundo, o desmascarar uma forma de consciência refere-se ao trabalho de,

Perceber a dimensão simbólica de justificação do capitalismo equivale não apenas a ultrapassar a dimensão ingênua que percebe a atividade econômica como “neutra” em relação a valores, mas também, e principalmente, perceber o próprio terreno da justificação do processo de acumulação de capital como uma “luta em aberto” que pode ser refeita em qualquer tempo (SOUZA, 2012, p. 31).

A “luta em aberto” condiz às diversas mutações do capital, encenando suas ações dentro das organizações, bem como, numa forma consciente de apologia ao consumismo banal, de uma atividade teleológica para a objetivação de coisas sem necessidades. Em outro sentido, a atividade como Lukács (2013) disse sendo uma práxis que visa objetivar coisas realmente necessárias. Isto não quer dizer que o trabalhador do corte de cana não pode aspirar às coisas, como uma geladeira, uma televisão, sua moto, sua casa, pelo contrário, a crítica reside sobre uma ideologia dissimulada, no “o que” e o “quando” consumir tal produto está devidamente estabelecido e preconizado pelo capital: o programa minha casa minha vida dita qual o modelo de casa, quais os produtos utilizados, o local, sem possibilidades de escolhas do beneficiário; o trabalhador rural só pode financiar um automóvel pelo Crédito Rural caso seja um utilitário; o beneficiário do Bolsa Família tem que realizar aperfeiçoamentos; o cortador de

cana só tem cursos para a motivação no corte de cana. Ele não pode almejar uma carreira no setor administrativo, lhe resta apenas o trabalho braçal (tratorista). Assim como acontece com os sujeitos das classes altas, eles também estão submetidos ao consumismo banal, ao consumismo que efetiva sua supremacia sobre a grande massa brasileira.

Onde reside, no raciocínio acima, a “cegueira” da percepção economicista do mundo? Reside em literalmente não “ver” o mais importante, que é a transferência de “valores imateriais” na reprodução das classes sociais e de seus privilégios no tempo. Reside em não perceber que, mesmo nas classes altas, que monopolizam o poder econômico, os filhos só terão a mesma vida privilegiada dos pais se herdarem também o “estilo de vida”, a “naturalidade” para se comportar em reuniões sociais, o que é aprendido desde tenra idade na própria casa com amigos e visitas dos pais, ao aprender o que é “de bom tom”, ao aprender a não serem “over” na demonstração de riqueza como os “novos ricos” e “emergentes” etc. (SOUZA, 2009, p. 19)

Perante tal quadro percorrido nesta pesquisa, cabe compreender que, os cortadores de cana no Norte Pioneiro do Paraná, ainda continuam com suas atividades precárias, vivendo a margem da sociedade em situação de miséria. Todavia, o quadro se modifica, cada vez mais o número de cortadores de cana diminui, uns encaminham para outros trabalhos, também degradantes, como a colheita de laranja, outros para a construção civil. O quadro de trabalhadores rurais do corte de cana caminha para o fim.

Se for pela mecanização ou pelas oportunidades de novos trabalhos, isto já não torna tão importante, pois se trata do fim de uma atividade que por séculos só usurpou do trabalhador, como disse o Celso (22 jul 2013) “*sempre vai ter alternativas*” de trabalho, da mesma forma que sempre haverá alternativas para o capitalismo sobreviver e continuar a explorar o trabalhador. Desta forma, cabe pensar sobre o

papel da psicologia sobre um projeto ético-político que vise uma conscientização concreta sobre a totalidade dos fenômenos, atuando em prol do ser social.

Essa pesquisa não nos alerta apenas para a própria atividade do corte de cana, mas para um cenário que caminha para a idealização de um mundo cada vez mais fragmentado pelos atrativos do capital. Com estes atrativos o sujeito é captado e transformado subjetivamente, para que possa ser mais uma peça importante para a conservação e perpetuação do capitalismo. Mas há «uma luz no final deste túnel»: a crise estrutural do capital irá revelar novas formas de se viver, novas formas de consciência, novas formas de se relacionar com o outro, talvez torcer para que este «esperar» ativamente não seja tarde demais. Cabe aqui pensar sobre o papel da psicologia em um projeto ético-político para conscientizar sobre estas formas ideológicas que só prevalecem o capital.

Considerações Finais

Essa pesquisa retratou histórias de vidas que não cessaram e, tampouco, irão encerrar. Como disse Silvia Lane, o homem é um movimento. Ainda hoje temos pessoas vivendo do corte de cana, colhendo laranja, capinando café, plantando morango, porém, de forma precária. Ainda temos pessoas morrendo no canavial, trabalho escravo, precariedade, sem direitos, sem segurança. Vimos isto nas histórias, do senhor Antônio que não conquistou nada além dos estudos dos filhos, do seu Zé que está parado esperando algum trabalho, e dona Iara e do Zé Carlos que vivem realizando bicos enquanto não é chamado para safra, e que conseguiram alguma coisa realizando a colheita de laranja e o corte de cana de domingo a domingo (dobras) sem descanso, no entanto, estão há sete meses aguardando o “acerto” da empresa.

O artigo serve para apresentar um estilo de vida camuflado e “não visto” pelas políticas públicas, foi uma forma de dar “vozes” aos trabalhadores,

para narrarem todas as suas angústias, suas proezas, conquistas, histórias, um jeito de viver. Contudo, a história contribui para o movimento do agora e do amanhã, um amanhã carregado de esperança às condições de vida e de trabalho. Entretanto, pouco esperançoso para os trabalhadores rurais, a esperança de um trabalho digno ainda está longe de ser alcançado, o fim da atividade do corte de cana não caracteriza o fim de uma condição precária de trabalho, se trata do fim de uma tarefa precarista, porém, estes trabalhadores são submetidos a outras atividades com o mesmo vigor mortificante.

A precarização estrutural do trabalho não é própria do corte de cana, mas também de outros trabalhos precarizados e informalizados na qual o trabalhador rural está submetido com o fim de sua atividade, como nos casos de dona Iara e do Zé Carlos, ambos migraram para a colheita de laranja, mas como atividade secundária, ela atua como dona de casa e ele como mototaxista. A precarização estrutural do trabalho permeia uma reestruturação produtiva em prol do beneficiamento da acumulação de capital, onde as organizações criam modelos de gestão na condição de se apropriar de um maior acúmulo de mais-valia. Segundo Scopinho (1996, p. 73):

[...] a nova política de recursos humanos, incorporando um discurso humanístico e participativo, veicula os valores fundamentais para a expansão do capital e não representa uma revisão das tradicionais técnicas de gestão taylorista/fordista. As atuais técnicas de gestão contribuem para dificultar o processo organizativo da categoria e não significam melhorias reais na qualidade de vida dos trabalhadores. Pelo contrário, constituem instrumentos privilegiados de controle e adequação da força de trabalho rural às atuais exigências do processo produtivo, que estão centradas na produtividade com qualidade.

Estas novas políticas de gestão, promovendo ações em prol de uma assistência social com

treinamentos, auxílios médicos, programas envolvendo a família, cursos, para o trabalhador rural significa uma busca da organização para reduzir o nível de absenteísmo e aumento de produção. Da mesma forma, a organização aplica medidas para impedir a falta e o absenteísmo, como na não contratação, com o médico próprio da empresa, redução de salários, “ganchos” (advertências), são formas de inibir o trabalhador, segundo Scopinho (1996), ferramentas de uma pedagogia empresarial.

Assim, percebemos estas pedagogias empresariais analisando o cotidiano do cortador de cana, na forma de fazer a sua atividade através do planejamento organizacional, porém, acompanhados de precarização que afetam à saúde do trabalhador, bem como, os sentidos do trabalho. De forma camuflada, a precarização do trabalho ou o fim da atividade está acompanhado da mecanização do canavial, que não deixa de ser errônea, porém, não é único fator para o fim da atividade, a própria situação de trabalho faz com que o trabalhador procure em outras atividades melhorias nas condições de trabalho. Outra questão importante reside no futuro destes trabalhadores, por parte das organizações aplicando um discurso de inclusão destes trabalhadores rurais em outras atividades da empresa, fato este não encontrado nas organizações pesquisadas, um ou outro caso irrelevante pela quantidade de trabalhadores rurais desligados da empresa.

Os sentidos do trabalho para o trabalhador rural, especificamente os cortadores de cana, possui sentidos de sobrevivência como foi com o senhor Antônio, *“Comecei com uns 22 anos mais ou menos. Eu era pedreiro mesmo, profissional em São Paulo, aí em vim pra cá, não tinha serviço fui obrigado a entrar cortar cana”* (Antônio, 09 jan 2012). Entretanto, a condição atual do país, com programas de políticas públicas e pela situação socioeconômica, apresenta pequenas melhorias para a vida dos trabalhadores atuais, conseguindo conquistar algumas coisas: imóveis, eletrodomésticos, eletrônicos, veículos,

conquistas que estão acompanhadas por uma condição precária de trabalho, são trabalhadores que batalham dia e noite, sob de sol ou chuva.

Os sentidos do trabalho para o cortador de cana, ainda está no que “sobrou” para eles que não possuem estudos, não tiveram sorte ou porque “Deus quer assim”, a “captura” subjetiva pelo capitalismo adere ao sujeito único e responsável pela sua condição de vida neste mundo, apregoando uma ideologia de polivalência, submissão e dissimulação sobre sua condição de trabalhador em prol da manutenção e proliferação do capital.

O sentido do trabalho passa a ser determinado pelos desígnios do capital, instaurando nas gerações de trabalhadores a reprodução de um “jeito de ser” trabalhador no capitalismo. Fugindo dos padrões determinados, o ser “social” é marginalizado, colocado para fora do jogo, mesmo ele ainda sendo uma peça importante a ser reaproveitada a qualquer momento, conforme os interesses do capital. Porém, ser marginalizado não é uma forma de vida reconhecida pela sociedade capitalista, não possui seus “valores”, o trabalhador deve buscar seu espaço, deve pertencer, “in-corporar”, ser ativo, “madeira para toda obra”, o trabalho possui seus “valores” criados pelo capital, de um “trabalho útil e digno” (SOUZA, 2009).

No entanto, o “trabalho útil e digno” não caracteriza a concreticidade do trabalho do corte de cana, tampouco a dignidade no trabalho (GOMES, 2012). Na necessidade do trabalhador de executar tal atividade como meio de sua subsistência, o capital se apropria na máxima valia que se pode obter com o uso da força da mão de obra: trabalhos diários ininterruptos, esforços físicos, extrapolam os limites do corpo, exigem metas de corte, salários baixos e por produtividade, são algumas formas de se obter a mais-valia legitimado na história brasileira. A dignidade no trabalho do cortador de cana na região do Norte Pioneiro do Paraná está longe de acontecer, provável que não acontece de forma concreta. As melhorias, e poucas, são apenas

meios (básicos) de garantir a efetiva execução da atividade: vale-transporte, marmitas térmicas, banheiros químicos, EPI's, tendas para alimentação, atendimento médico, além dos atendimentos realizados no sindicato: médico e odontológico.

O fim da atividade do corte de cana encerra uma longa história de trabalho precário no Brasil, contudo não dignifica estes trabalhadores estigmatizados como “boias-frias”, sem reconhecimento. Amigração de atividade faz do trabalhador “in-corporado” a uma ideologia legitimada pelo sistema capitalista, o fim da atividade não faz o trabalhador sair deste “lugar” marginalizado, ele ainda tem que subir no ônibus de madrugada para colher laranja, carpir café, ainda leva sua “boia-fria”, suas ferramentas, as cicatrizes e as marcas de sol não somem, mantêm os movimentos brutos e enrijecidos pelos músculos atrofiados e acostumados com o trabalho árduo, recebe baixos salários, alguns nem registrados são, recebem por produtividade, realizam seus bicos como acréscimo a renda familiar, possuem baixa escolaridade, enfim, o sentido do trabalho ainda é o mesmo, de sobreviver.

A ideologia capitalista que legitima uma forma de sujeito, o trabalhador do corte de cana, está impregnada na cultura regional. Para a psicologia sócio-histórica, esta ideologia é determinante para a constituição de uma consciência de aceitação as suas condições de vida.

Desta maneira, sendo a cultura um determinante para a constituição do ser social, não se trata de dar fim a atividade do corte de cana, tampouco algumas melhorias na condição de trabalho, pois a apropriação da força de trabalho (física ou intelectual) é necessária para a perpetuação do capitalismo. É necessário transformar toda uma lógica que coloca os valores econômicos acima do próprio sujeito, dando ao trabalhador o reconhecimento por sua capacidade teleológico, criativa, transformadora, construtora.

Referências

- AGUIAR, W. M. J. Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Org.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 95-110.
- AGUIAR, W. M. J. et al. Reflexões sobre sentido e significado. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M. *A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2009. p. 54-72.
- AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 94, n. 236, jan./abr. 2013.
- ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 1999.
- FURTADO, O. O psiquismo e a subjetividade social. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Org.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 75-93.
- GOMES, J. A. *Do trabalho penoso à dignidade no trabalho: o itinerário de canavieiros no enfoque da psicologia do trabalho*. Aparecida-SP: Idéias & Letras, 2012.
- GONZÁLEZ-REY, F. L. O enfoque histórico-cultural e seu sentido para a psicologia clínica: uma reflexão. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Org.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 193-214.
- LUKÁCS, G. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. Tradução de Rodnei Nascimento. São Paulo: M. Fontes, 2003.
- _____. *Para uma ontologia do ser social II*. Tradução de Nelson Schneider, Ivo Tonet e Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARTÍN-BARÓ, I. O papel do psicólogo. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 2, n. 1, 1996.
- PARANÁ. *Resolução SEMA nº 076, de 20 de dezembro de 2010*. Dispõe sobre eliminação gradativa da despalha da cana-de-açúcar através da queima controlada e dá outras providências. Curitiba, 2010.

SAWAYA, B. B. *A consciência em construção no trabalho de construção da existência: uma análise psicossocial do processo da consciência de mulheres faveladas participantes de movimentos urbanos de reivindicação social e de um grupo de produção de artesanato*. 1987. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1987.

SCOPINHO, R. A. Pedagogia empresarial de controle do trabalho e saúde do trabalhador. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 1, n. 1, 1996.

SOUZA, J. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2009.

_____. *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* 2. ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2012.

SPINK, P. K. O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, n. 20, p. 70-77, 2008.

VIGOTSKI, L. S. El problema de la conciencia. In: DELARI JUNIOR, A. *Obras escogidas*. Madrid: Aprendizaje Visor y Ministerio de Educación y Ciencia, 1991a. T. 1.

_____. Investigación experimental del desarrollo de los conceptos. In: DELARI JUNIOR, A. *Obras escogidas*. Tradução de José María Bravo. Madrid: Aprendizaje Visor y Ministerio de Educación y Ciencia, 1993. T. 2.

_____. La conciencia como problema de la psicología del comportamiento. In: DELARI JUNIOR, A. *Obras escogidas*. Madrid: Aprendizaje Visor y Ministerio de Educación y Ciencia, 1991b. T1.

_____. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: M. Fontes, 1998.

Recebido em: 04 out. 2016

Aceito em: 24 abr. 2017